



CARTA A ALEKSANDR IVANOVITCH HERZEN

08 de dezembro de 1860, Irkutsk (RUS)
Fonte: Moscou, RGALI f. 2197, o.l, ed. chr. 209
Tradução: Leon Azevedo

Amigo Herzen,

Seu recado chegou enquanto eu terminava a resposta ao Kolokol em anexo. Falar da minha emoção, da minha profunda alegria ao ver sua letra tão cara seria supérfluo. Mas ele me confortou também num outro sentido, ao me fazer ter esperança de que você põe fé nas minhas palavras. É minha terceira carta para você, a primeira, de pelo menos vinte folhas, não chegou; a segunda, de umas doze páginas, foi levado por Bodisko, que você conhece, faz umastrês semanas. Eu espero que a referida carta chegue, se não antes, ao mesmo tempo que esta aqui, que não está terminada, mas vou lhe enviar o fim em breve, porque encontrei um meio de levá-la até você. Essas três cartas têm todas, como assunto principal, Muraviev Amurski, que, devido a uma estranha cegueira, você atacou violenta e injustamente há algum tempo.

Bem, sem mencionar que seus ataques não têm o menor fundamento e são definitivamente contrários à verdade, Muraviev, eu lhe digo pela terceira vez, é o único dentre aqueles que, na Rússia, gozam da força e do poder que, sem A MENOR HESITAÇÃO e em quaisquer circunstâncias¹⁹, podemos e devemos em absoluto considerar como um dos NOSSOS. Ele é um dos nossos pelos sentimentos, pelas ideias, por todos seus atos passados, por suas aspirações, seus

desejos e suas firmes intenções. Como então aconteceu de você não o ter reconhecido, é realmente vergonhoso, Herzen.

Se você soubesse como ele ama o *Kolokol* e como lhe aflige cada barriga que o compromete; se você soubesse do respeito e da simpatia que ele nutre por você e como foram, para ele, amargas as suas acusações imerecidas, CALÚNIAS disseminadas justamente no momento em que, de todos os lados, ele era objeto de inveja e intrigas rasteiras sob a conduta de nosso “Filipe Igualdade”, o grão-duque Konstantin Nikolaevitch. “As pessoas não reconhecem os seus”, olhe aí o que ele disse de você.

Agora ele deixou a Sibéria e o serviço; ele vai para o exterior e definitivamente quer tever; quando você o conhecer, vai dizer: *ecce homo* – eis aí um homem completo em todos os aspectos, tanto pelo coração, como pelo espírito, como pelo caráter, como pela energia. Ele é totalmente dos nossos e o melhor e mais forte de nós: ele carrega em si o futuro da Rússia. Ele decidiu momentaneamente abandonar o serviço, apesar de quererem propor a ele o Ministério das Relações Interiores. Ele decidiu com firmeza não aceitar cargo algum enquanto o sistema governamental não tenha sido radicalmente modificado e seu programa aceito. Quanto a esse programa, eis em algumas palavras de que se trata: 1- Libertação total e absoluta dos camponeses com atribuição de terras; 2- Processo judicial

¹⁹ Parece faltar um elemento na frase do original: “... sans LA MOINDRE HESITATION et dans toute du terme nous pouvons et devos absolument considérer comme NOTRE”. (N. dos E.).



público e com júri, do qual serão passíveis, por erros administrativos, todos os servidores, do mais baixo ao mais alto; 3. Instrução do povo sobre as mais amplas bases; 4. Administração do povo por ele mesmo, com abolição da burocracia e descentralização eventual da Rússia; e em Petersburgo, nem Constituição, nem Parlamento, mas uma ditadura de ferro a fim de liberar os eslavos, começando pela reconstituição da Polônia e uma luta de morte com a Áustria e a Turquia. Eis aí o programa de um Estadista sério, que demonstrou que sabe dar corpo a seus projetos. Eu respondo diante de vocês com a sinceridade de Muraviev, pois eu o tenho como meu melhor amigo. Então, como é que eu - amigo de vocês, amigo de seu *Kolokol*, cuja honra e influência na Rússia, acreditem em mim, não me são menos caras que a vocês próprios - posso ver de que maneira, confusos, cegos, vocês propagam a mentira e a calúnia, atacando o único homem dentre todos na Rússia que vale que nós o defendamos com todas as nossas forças! Agora, escute, Herzen: se você acredita em mim, nesse caso, não publique minha resposta no *Kolokol*; você saberá bem, sem ela, dar a Muraviev toda satisfação, pois é justamente você quem deve dá-la a um homem como ele, sem reticências e sem equívoco, mantendo toda prudência a fim de não comprometê-lo demais no que tange ao governo; mas, se você não acredita em mim, ou só acredita em parte e em sua alma ainda restam dúvidas, então, em nome de tudo o que nos uniu e nos une um ao outro, eu exijo que você insira integralmente minha resposta SEM NENHUMA OMISSÃO; e, se você julgar necessário, até mesmo com a minha assinatura. Há momentos em que se deve mandar para o inferno a prudência e todas as outras considerações. A inserção da minha resposta não ocorrerá, eu sei disso, sem grandes inconvenientes. Primeiramente, ela pode me reter mais alguns anos na Sibéria; em segundo lugar, ela pode comprometer de forma prematura Muraviev junto ao governo - e nós todos, na pessoa de Pe-

trachevsky, diante do público russo; enfim, ela comprometerá seriamente o *Kolokol*, que se engana de maneira tão grosseira, tão absurda, tão mortal. E ainda assim, eu exijo sua inserção se, em seu coração e espírito, você não encontrar outro meio de prestar total satisfação a Muraviev. Em toda questão, como numa questão de honra, todo ato de uma ou da outra parte tem necessariamente consequências desagradáveis, em geral penosas para ambas as partes, mas nem uma nem a outra têm o direito de se eximir disso. Você publicou um ataque, publique também a réplica, ou reconheça publicamente que você foi enganado de maneira odiosa, ou que você se enganou de forma imperdoável. Eis o que espero do seu espírito de justiça, de sua dignidade, enfim, de seu comprometimento à causa comum. Você é nosso juiz, Herzen, é verdade; mas, ao mesmo tempo, lembre-se que somos também os seus; entre nós há uma solidariedade por aquilo que é responsabilidade mútua, que nem você nem nós podemos romper. Mas já foi demais sobre esse caso em particular; falemos, no geral, da situação do *Kolokol*. De todos os lados, ouve-se dizer que nos últimos tempos o *Kolokol* perdeu muita influência. As cartas mentirosas de correspondentes são sem dúvida uma das causas desse declínio; bastam dois ou três equívocos como esses cometidos contra Muraviev e a Sibéria oriental para matar a publicação de vocês. Vocês devem mostrar muita circunspeção na escolha de seus correspondentes. Dizem que a Rússia está em processo de degelo; mas por baixo do gelo há sempre muita sujeira, e sujeira não cheira bem. Toda a vida russa, todas as pequenas intrigas e invejas russas, toda nossa lama nauseabunda - solo fértil para interesses vis e vaidades pueris mas vizes - a baixeza, a inveja, o ódio, o vazio e a securados corações ensombrecidos, e as belas frases - as pequenas coisas e as grandes palavras - tudo isso em nossos dias busca uma válvula de escape; e como até o presente ainda não há outro órgão livre além do de vocês, tudo isso toma o caminho do



Kolokol; ora, não é difícil hoje esconder o rosto por trás da máscara do liberalismo e do democratismo; quem então não está familiarizado com palavras grandiosas e belas frases! Essas belas frases e essas grandes palavras tornaram-se tão corriqueiras, tão inofensivas anódinas, nós as ouvimos com tanta frequência, e a torto e a direito, em todos os cantos e recantos, mesmo na Sibéria, a ponto de sentirmos de fato um tanto de vergonha ao pronunciá-las. O liberalismo oficial, o democratismo oficial, tudo isso são só palavras, palavras e mais palavras; e a realidade que se esconde por trás deles é tão abjeta, tão mesquinha, que elas nos dão náuseas; as palavras na Rússia têm em mim o efeito de um vomitivo muito violento e ativo por ser muito repugnante. Só se deve confiar naquele que dá garantia de que a palavra será seguida de ação; quanto aos outros, eu agiria da seguinte maneira com relação a eles: quanto mais brilhante fosse aquele que falou, mais alta seria a potência que lhe dirigiria. Muitos de seus correspondentes estão aptos, estão preparados para a nobre ação que à qual os obrigam, ao que parece, suas belas frases? E vocês os escutam. Vocês tomaram para si um compromisso difícil, quase impossível de cumprir: de Londres, julgar pessoas que têm sua atividade na Rússia. Enquanto essa atividade provinha de homens que eram conhecidos de vocês, do tempo dos Nikolaevski, dos Kleinmichel, dos Orlov, dos Zakrevski, dos Panin etc., as coisas eram fáceis; mas hoje entram em cena pessoas que vocês pouco ou nada conhecem. Vocês devem julgá-las de acordo com os dados que lhes são enviados da Rússia.

Quem lhes garante a exatidão desses dados? Vocês não deveriam ter na Rússia alguns homens que compartilham de suas opiniões, que conhecem o país e têm qualidades práticas e senso, em cuja boa-fé e em cujo espírito de justiça vocês teriam tanta confiança como em vocês próprios, e que verificariam e confirmariam todos os dados recebidos por vocês? Do contrário, vocês serão sempre enganados e perderão

toda autoridade na Rússia. Bem, não é fácil encontrar homens assim na confraria das gentes das Letras, quiçá entre os demais dos nossos círculos antigos; a maior parte das pessoas se anestesiaram, congeladas de medo, vivendo, agindo e perorando como mortos entre os mortos.

A vida do público russo, oficial ou não, oferece hoje um estranho espetáculo! Um reinado de sombras onde se movem, falam e, ao que parece, pensam e agem símiles de seres vivos, mas que, no entanto, não o são; há entre eles a retórica de todas as paixões, mas nenhuma característica comum predominante, nem mesmo o caráter. Tudo ali é literatura, escrita e palavrório, mas não há a menor faísca de vida e de ação, o menor interesse pelo que quer que seja. E não se sente vontade de dirigir a palavra a ninguém, pois sabe-se de antemão que das palavras não sairá nenhuma ação. A literatura hoje floresce, é o seu reino. Os Panaev triunfam e a confraria das gentes das Letras bate perdidamente no peito vazio, mas do peito sai um som forte, pois não há coração ali; as cabeças estão cheias de fórmulas ressecadas e influenciadas por ideias e frases feitas, mas não há um cérebro vívido e fecundo; os músculos estão sem força, e nas veias não há sangue; tudo são sombras, sombras que peroram com eloquência e debitam palavras ocas; entre essas sombras, nós mesmo nos tornamos sombras. Essas sombras se entregam hoje a um miserável comércio, utilizando o pequeno capital acumulado por Stankevitch, Belinski, você, Granovski; elas dormitam e deliram em voz alta, fazem com a mão sinais de impotência e só recobram o senso de realidade quando estão em questão sua pessoa ou sua vaidade, única paixão real das pessoas ditas convenientes, paixão igual àquela da carteira, que predomina exclusivamente em todas as outras categorias sociais do PÚBLICO russo. Pode-se esperar milagres de sombras? E no entanto, a Rússia só pode ser salva por milagres de inteligência, de paixão e também de vontade. Eu nada espero dos nomes conhecidos na literatura,



em vez disso, ponho fé na força adormecida do povo, na classe média – não na classe dos comerciantes, ainda mais corrupta que a nobreza –, fé na classe média não reconhecida oficialmente como tal, formada continuamente pelos servos libertos, empregados comissionados, os burgueses, os filhos de popes; todos esses guardam ainda a inteligência penetrante e o espírito audaz de iniciativa russos, eu creio também que a própria nobreza, enquanto classe, é uma grande promessa...

[Nota do Sr. Dr.²⁰: Com essas palavras chega ao fim o primeiro caderno da carta. Em seguida vem o segundo, em outro formato, mas numerado como 2, e começando pelo que está publicado na sequência, e que se apresenta, no início, como uma variante do fim do primeiro caderno.]

... repleto de ilusões vaidosas. A vida do mundo russo, oficial ou não, oferece hoje um estranho espetáculo! Sob Nicolau, seria possível supor que ela guardava muitos mistérios impenetráveis, muitas forças e energias represadas. Hoje, ela está exposta, e o que vemos? Um reino de sombras onde símiles de seres vivos falam, movem-se e, ao que parece, pensam e agem, porém são sem vida. Há nelas a retórica de todas as paixões, mas não há paixão, não há realismo, nem temperamento, nem personalidade. Tudo é literatura, escrita e palavrório interminável, mas não há ali o menor sinal de vida ou de ação. Não há o menor interesse real pelo que quer que seja, exceto por si, tanto que entre essas sombras nós mesmos nos tornamos sombras; não se tem nem mesmo o desejo de dirigir a palavra a ninguém, porque se sente que ninguém se interessa pela ação e se sabe de antemão que das palavras não sairá ação. A literatura hoje floresce, é o seu reino. Os Panaev

triunfam e a confraria das gentes de Letras bate perdidamente no peito vazio, e o peito emite altos sons, pois não há coração ali. As cabeças estão cheias de fórmulas ressecadas e influenciadas por ideias e frases feitas, mas não há um cérebro vívido e fecundo; os músculos não têm força e nas veias não há sangue; tudo são sombras, sombras que peroram com eloquência e debitam palavras ocas. Essas sombras se entregam hoje a um miserável comércio, utilizando o pequeno capital acumulado por Belinski, você, Granovski; elas dormitam, deliram em voz alta, fazem com a mão gestos de impotência e só recobram o senso de realidade quando sua pessoa, sua vaidade, está em questão – solitária e única paixão real entre as pessoas ditas convenientes, paixão igual àquela da carteira, que predomina exclusivamente em todas as outras categorias sociais do público russo. De sombras pode-se esperar milagres? E no entanto, a Rússia só pode ser salva por milagres de inteligência, de paixão e também de vontade. A revolução russa será terrível e, mesmo sem querer, nós a evocamos, pois somente ela poderá nos tirar desta funesta letargia e nos despertar para as verdadeiras paixões, para os verdadeiros ideais. Talvez ela evoque ou crie seres vivos; quanto à maior parte dos homens notórios de hoje, eles só servem para estar sob o fio do machado. Essa é a minha convicção. Eu chego a me perguntar se muitos dos nossos conseguiram se manter íntegros? A realidade exaure, consome os homens, mas a platitude da vida cotidiana russa os desbota e os desgasta. Turguêniev, Kavelin, Kortch são seres vivos? Seus outros amigos e conhecidos, eu não os conheço; a vida se manteve neles? Prometeram-me apenas que na próxima primavera eu receberei a permissão para ir à Rússia; eu buscarei homens, para mim é de um interesse superior.

20 Nota presente no texto-fonte em francês, aparentemente referindo-se à pessoa que compilou os manuscritos originais da presente carta. Texto original: “[note de M. Dr. : Sur ces mots s’achève le premier cahier de la lettre. Vient ensuite le second, d’un autre format, mais numéroté 2, et commençant par ce qui est publié à la suite et qui se présente, au début, comme une variante de la fin du premier cahier.]” (N. dos E.)



Aqui, além de Muraviev, eu conheci um homem, o jovem general Nikolai Pavlovich Ignatiev, filho do governador geral de São Petersburgo, e, se não me engano, conhecido seu, Herzen. Ele voltou da China, onde ele fez maravilhas. Com 19 cossacos, ele conseguiu, sob as vistas dos embaixadores ingleses e franceses, lordes Elgin e o barão Gros, rodeados de seus exércitos, alcançar o primeiro posto, o posto mais brilhante, e obter para a Rússia as maiores vantagens, infinitamente maiores que as dos próprios franceses e ingleses. Pelos jornais, você ficará ciente do tratado que ele concluiu, mas do que você não ouvirá falar é da barbárie extraordinária das tropas inglesas e sobretudo francesas na China. As primeiras se contentam com maior frequência a se entregar à pilhagem (elas são compostas na maior parte por sipais²¹), enquanto as segundas, as tropas puramente francesas, durante toda a marcha sobre Pequim, violaram as mulheres e em seguida as afofaram, estrangularam ou lhes cortaram os pés. O tato e a disciplina dos russos ficaram avantajados: com 19 cossacos na dianteira, Ignatiev surgiu como o salvador da China; hoje lá estamos com os pés solidamente fincados no Oceano Pacífico. Mas voltemos a Ignatiev: é um jovem homem de uns trinta anos e definitivamente simpático, tanto pelas ideias e sentimentos que exprime quanto por sua natureza audaz, resoluta, enérgica e capaz no mais alto grau. Ele é ambicioso, mas é um grande patriota que reivindica reformas democráticas na Rússia, e isto

para além da política eslava; numa palavra, com leves diferenças, é o que reivindica Muraviev. Eles estão de acordo e vão agir em conjunto. Não seria nada mau que você travasse relações com homens desse gênero; eles não são pensadores, eles escrevem pouco, mas em contrapartida sabem muito e, coisa rara na Rússia, agem muito.

[nota de M.D.²²: Pensamos que não seja inútil relembrar aos leitores a narrativa que publicou, no *Russkaja Starina* (1882, XII, 644-646) A. N. Muraviev, morto em Kiev, célebre viajante a Jerusalém e Sodoma, delator da parte que o general N. P. Ignatiev tomou, quando diretor do Departamento Asiático do Ministério das Relações Interiores, na nomeação, sugerida por ele a Alexandre II, de M. N. Muraviev, o qual tinha antipatia pelo czar, às funções de diretor em Vilna. Pelo fato mesmo de ter participado nessa nomeação, N. P. Ignatiev rompeu os laços o bastante com o programa que Bakunin expõe acima e, conseqüentemente, ele nos deu inteiro direito de publicar os trechos que lhe diziam respeito na carta de Bakunin. Isso certamente não trará prejuízos às suas funções, mas, na verdade, servirá a seus interesses; será dito: eis como um homem sedeixava levar em 1861, e em 1863 estava completamente desiludido].

Agora, o que lhes dizer de mim, amigos? Eu tenho a intenção de lhes enviar em breve o diário detalhado de meus feitos e gestos, desde nosso último adeus na avenida Ma-

21 Soldados hindus a serviço da Coroa Britânica nas Índias Orientais (N. da T.).

22 Nota presente no texto-fonte, aparentemente referindo-se a outro compilador dos manuscritos originais. Texto original: “[note de M.D.: Nous pensons qu’il n’est pas inutile de rappeler aux lecteurs le récit qu’a publié, dans le *Russkaja Starina* (1882, XII, 644 - 646) A.N.Murav’ev, mort à Kiev, célèbre voyageur à Jérusalem et à Sodome, délateur sur la part que prit le général N.P.Ignat’ev, alors directeur du Département asiatique au ministère des Affaires intérieures, à la nomination, suggérée par lui à Alexandre II, de M.N. Murav’ev, lequel était antipathique au tsar, aux fonctions de directeur à Vilna. Par le fait même d’avoir trempé dans cette nomination, N.P.Ignat’ev a suffisamment rompu ses liens avec le programme qu’expose ci-dessus Bakunin et, par conséquent, il nous donne entièrement le droit de publier les passages le concernant dans la lettre de Bakunin. Cela ne lui portera certainement pas préjudice dans ses fonctions, mais servira plutôt ses intérêts; on dira: voilà comment un homme s’était laissé entraîner en 1861, et en 1863 a été complètement dégrisé.]” (N. dos E.).



rigny, mas hoje lhe direi apenas algumas palavras sobre a situação atual. Detido um ano na Saxônia, primeiro em Dresden depois em Königstein, quase um ano em Praga, cerca de cinco meses em Olmütz, preso à parede, fui transferido para a Rússia; na Alemanha e na Áustria, minhas respostas aos interrogatórios foram muito breves: “Vocês conhecem meus princípios, eu não os escondi e os proclamei em voz alta; eu quis a unidade de uma Alemanha democrática, a liberação dos eslavos, a destruição de todos os reinos constituídos pela violência, em primeiro lugar, a destruição do Império da Áustria; fui pego de arma na mão, vocês têm acusações mais do que suficientes contra mim para me julgar. Não responderei mais a nenhuma de suas perguntas”. Em maio de 1851, fui levado para a Rússia, diretamente para a Fortaleza de Pedro e Paulo, no revelim Aleksei, onde fiquei encarcerado por três anos. Dois meses depois da minha chegada, o conde Orlov veio me ver, representando o imperador: “O imperador me mandou vir até você ordenou que eu lhe transmitisse o seguinte: “Diga-lhe que me escreva como um filho espiritual seu pai espiritual; você gostaria de escrever?” Eu refleti um pouco e disse para mim mesmo: diante de um júri, no decorso de um processo público, eu deveria manter minha posição até o fim. Mas entre quatro paredes, à mercê da gaiola, eu poderia sem escrúpulos suavizar as formas; e, depois de requerer um mês de prazo, eu aceitei; e de fato escrevi uma espécie de confissão, uma espécie de *Dichtung und Wahrheit*²³; meus atos eram, no mais, tão conhecidos que não me serviria de nada escondê-los. Depois de agradecer, de modo polido, ao imperador por sua benevolente atenção, acrescentei: “Majestade, gostaria que eu lhe escrevesse uma confissão? Pois bem, escreverei, mas sabe bem que ninguém é obrigado a confessar os pecados de outros. Após meu naufrágio, só me resta um único tesouro: a honra e o sentimento de não ter traído nenhum dos que confia-

ram em mim; e é por isso que não darei nenhum nome”. Isso dito, salvas poucas exceções, eu narrei a Nicolau toda minha vida no exterior, inclusos aí todos os meus projetos, impressões e sentimentos, o que não chegou para ele sem várias considerações edificantes sobre sua política interna e externa. Minha carta, que tratava, por um lado, da situação perfeitamente clara e aparentemente sem saída na qual me encontrava e, por outro lado, do temperamento enérgico de Nicolau, foi concebida em termos muito vigorosos e ousados; e é justamente por isso que ela lhe agradou sobremaneira. E o que eu apreciei muito nele é que depois de ter recebido minha carta, ele nunca mais me interrogou sobre o que quer que seja. Detido por três anos em Pedro e Paulo, fui transferido, no início da guerra de 1854, para Schlüsselburg, onde fiquei preso mais três anos. Acometido pelo escorbuto, perdi todos os meus dentes. A reclusão perpétua é algo aterroizante: levar uma vida sem propósito, sem esperança nem interesse. É dizer para si mesmo todos os dias: “eu hoje me tornei um pouco mais animal, e amanhã o serei ainda mais”. Com uma dor de dentes assustadora, que durava semanas e voltava pelo menos duas vezes por mês, não podendo dormir nem de dia nem à noite, não importando o que se fizesse ou lesse; sentir no coração e no fígado, mesmo durante o sono, uma dor lancinante, com esse sentimento fixo: eu sou um escravo, eu sou um morto, um cadáver. Mesmo assim, eu não perdi a coragem; se a religião se mantinha em mim, ela definitivamente sucumbiu na fortaleza. Eu só tinha um desejo: não capitular, não me resignar, não trair, não me rebaixar a ponto de buscar alívio em sabe-se lá qual enganação; guardar até o fim intacto o sentimento sagrado da revolta. Com Nicolau morto, eu me pus a esperar mais vivamente. Houve a coroação, a anistia. De próprio punho, Aleksandr Nikolaevitch me riscou da lista que lhe haviam entregado; e quando um mês depois, minha mãe lhe implorou para

23 Aqui Bakunin faz alusão a uma obra de Goethe, no caso, *Poesia e Verdade* (N. da T.).



que me desse seu perdão, ele lhe declarou: "Saiba, senhora, que enquanto seu filho viver, ele jamais poderá ser livre". Depois disso, eu me comprometi com meu irmão Aleksei, que viera me ver, que eu esperaria mais um mês; passado esse prazo, caso eu não tivesse reconquistado a liberdade, meu irmão prometeu que me traria veneno. Um mês transcorreu; recebi um rescrito que dizia que eu poderia escolher entre a fortaleza e a deportação. Logicamente, escolhi a deportação. Mas a liberação da fortaleza não foi facilmente obtida; o imperador, teimoso como uma mula, rejeitou diversas investidas; um dia, ele foi até a casa do príncipe Gortchakov (o ministro das relações exteriores), com uma carta na mão (precisamente a que eu escrevera em 1851 a Nicolau), e disse: "Mas eu não vejo o menor arrependimento nessa carta". O idiota queria arrependimento! Finalmente, em março de 1857, saí de Schlüsselbourg; passei uma semana na 3^a. Seção e, com o consentimento de Sua Majestade, 24 horas com minha família no interior; em abril, fui transferido para Tomsk. Vivi lá cerca de dois anos e conheci uma família polonesa formidável, cujo pai, Ksaveri Vasilievich Kwiatkowski, trabalha na indústria aurífera. Essa família morava a uma versta²⁴ da cidade, numa casa de campo ou, como se diz na Sibéria, nas terras de Astangovo, uma pequena morada onde a vida transcorria calma e na observância dos antigos costumes. Eu passei a ir lá todos os dias e me ofereci para ensinar francês e outras coisas às duas filhas; fiz amizade com minha mulher, ganhei sua inteira confiança e me afeiçoei apaixonadamente a ela; ela também se afeiçoou a mim; então me casei com ela e já são dois meses que estou casado e definitivamente feliz. É bom viver não para si, mas para um outro, sobretudo quando esse outro é uma mulher gentil; eu me dei todo para ela; e, da parte dela, ela compartilha no coração e no espírito todas as minhas aspirações. Ela é polonesa, mas não é católica de convicção, é por isso que ela também é isenta de

fanatismo político; é uma patriota eslava. O governador geral da Sibéria ocidental, Hasford, solicitara sem meu conhecimento a permissão de S.M. para que eu arranjassem um emprego civil, primeiro passo para a minha liberação da Sibéria; mas eu não consegui me decidir a aproveitar a oportunidade; me parecia que ao ostentar a insígnia, eu perderia minha pureza e minha inocência; fiz então movimentações para ser transferido para a Sibéria oriental, e foi com grande dificuldade que elas se concretizaram; havia apreensão pela simpatia que Muraviev tinha por mim, o qual viera me ver em Tomsk e manifestou publicamente sua estima por mim. Por muito tempo fui recusado até, finalmente, receber autorização. Em março de 1859, transporte minhas coisas para Irkutsk e entrei para o serviço da Companhia do Amur, que acabava de ser fundada: no verão seguinte, percorri todo o Transbaikal e, no início de 1860, deixei a Companhia, convencido de que não havia nada de útil a tirar dali. No presente momento, estou procurando emprego nas empresas auríferas de Bernardaki; até aqui minhas tentativas não tiveram sucesso e eu gostaria de não depender mais de meus irmãos. Eles não são ricos. No mais, sem aguardar a decisão de São Petersburgo, eles libertaram seus camponeses e lhes doaram terras; todo trabalho lá é feito por mão de obra assalariada, o que exige um grande dispêndio de capital. De qualquer modo, eu vivo aqui em condições bastante difíceis, mas eu espero que meus negócios não tardem a melhorar.

É hora de ir para a Rússia. Até o momento, todas as tentativas de Muraviev de conseguir para mim o direito de voltar para lá foram frustradas. Timatchev e Delgonikov, apoiando-se em algumas denúncias vindas da Sibéria, consideraram-me homem perigoso e incorrigível. Ainda assim, Muraviev está certo de que ele conseguirá minha liberação na primavera que vem. Agora eu tenho muita esperança de que isso dará certo; e ir à Rússia se tornou para mim uma

24 Unidade de medida russa que equivale a 1066,8 metros (N. dos E.).



verdadeira necessidade. Eu não nasci para a calma; eu descansei contra minha vontade muitos anos, já é hora de voltar à ação. Minha atividade na Sibéria ficou restrita à propaganda entre os poloneses, propaganda no início muito bem sucedida; cheguei a convencer os melhores e mais sólidos deles de que é impossível aos poloneses separar suas vidas da vida russa e, conseqüentemente, é necessário se reconciliar com a Rússia; eu consegui igualmente convencer Muraviev da necessidade de descentralizar o Império, e do caráter salutar de uma política federativa eslava. Agora, é preciso ir à Rússia para buscar homens, retomar contato com os antigos e descobrir novos; para conhecer mais a fundo a própria Rússia e tentar adivinhar o que se pode – ou não – esperar dela. Seria estranho que o movimento interior, suscitado pela questão camponesa, em conjunto com o movimento exterior, engendrado, ao que parece, por Napoleão, na realidade pela revolução – no fundo, longe de estar morta e sendo Napo-

leão apenas um de seus órgãos – seria estranho, eu digo, que tudo isso em conjunto não desestabilizasse a Rússia. Esperemos o tempo que for possível esperar; e, até lá, amigos, estejam bem.

Seu devotado,
M. Bakunin

Com a minha próxima carta, enviarei uma a meu amigo Reichel e anexarei meu retrato.

Vocês com certeza querem me responder. Nesse caso, eu lhes peço que enviem suas cartas por viajantes seguros que venham a Petersburgo, seja no nome de Nikolai Pavlovich Ignatiev, seja no nome de Volkov (Iuri Aleksandrovich; dirija-se ao guichê de Bernardaki); ou então, o que talvez seja ainda mais seguro, no nome da minha prima Ekaterina Michailovna Bakunina, superiora da comunidade religiosa da Elevação em Petersburgo.